

União Trabalhista do Distrito Federal

Pioneirismo e inovação na relação entre Estado e trabalhadores nos anos 1930

União Trabalhista do Distrito Federal [Labor Union of the Federal District]: pioneering action and innovation in the relationship between the State and workers in the 1930s / União Trabalhista do Distrito Federal [Unión Laboralista del Distrito Federal]: pionerismo e innovación en la relación entre el Estado y los trabajadores en la década de 1930

Thiago Cavaliere Mourelle

Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF), com pós-doutorado em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil. Pesquisador da Coordenação de Pesquisa, Educação e Difusão do Acervo do Arquivo Nacional. thiagocavaliere@an.gov.br

RESUMO

O artigo apresenta um estudo sobre a criação da União Trabalhista do Distrito Federal (UTDF), fundada pelo então prefeito do Rio de Janeiro, Pedro Ernesto Batista. A UTDF surge de forma pioneira, em 1935, na então capital da República, sendo fruto dos esforços do prefeito em buscar uma aproximação com a classe trabalhadora, para obter maior sustentação ao seu governo.

Palavras-chave: trabalhismo; União Trabalhista do Distrito Federal; Pedro Ernesto; Getúlio Vargas.

ABSTRACT

This article presents a study about the União Trabalhista do Distrito Federal (UTDF) [Labor Union of the Federal District], founded by the mayor of Rio de Janeiro, Pedro Ernesto Batista. The UTDF emerges as a pioneer initiative in 1935, being the result of the efforts of the mayor to seek a rapprochement with the working class, in order to achieve greater support for his government.

Keywords: laborism; União Trabalhista do Distrito Federal; Pedro Ernesto; Getúlio Vargas.

RESUMEN

El artículo presenta un estudio sobre la creación de la União Trabalhista do Distrito Federal [Unión Laboralista del Distrito Federal] (UTDF), fundada por el entonces alcalde de Río de Janeiro, Pedro Ernesto Batista. La UTDF surgió de manera pionera, en 1935, en la entonces capital de la República, y fue el resultado de los esfuerzos del alcalde en la búsqueda por una relación más cercana con la clase trabajadora, a fin de obtener un mayor apoyo a su gobierno.

Palabras clave: laborismo, União Trabalhista do Distrito Federal, Getúlio Vargas, Pedro Ernesto.

Fundada em maio de 1935, a União Trabalhista do Distrito Federal (UTDF) funcionou até dezembro do mesmo ano. Criada em um momento de enorme polarização ideológica entre a Aliança Nacional Libertadora e a Ação Integralista Brasileira, ela foi o resultado dos esforços do prefeito do Rio de Janeiro, Pedro Ernesto Batista, em tentar trazer para sua esfera de influência o enorme número de trabalhadores da cidade, na época capital do Brasil.

Pouco se produziu na historiografia sobre a temática, muito em razão do desaparecimento da documentação da União Trabalhista, o que nos permite analisá-la basicamente por meio dos jornais e discursos da época a respeito do seu funcionamento.

O pesquisador Alexandre Elias da Silva a caracteriza como mais um “expediente político utilizado por Pedro Ernesto para tentar frear as críticas ao seu governo e manter sua base popular” (Silva, 2005, p. 123). O historiador esvazia o significado da UTDF, definindo-a mais como uma “demonstração de força” do prefeito para os seus opositores e críticos do que um real projeto que tivesse objetivos mais amplos.

Já Sarmiento vê a criação da União Trabalhista como a solução encontrada pelo prefeito para agregar em sua política partidária grupos mais populares que estavam encontrando resistência na entrada para o Partido Autonomista do Distrito Federal (PADF), do qual era um dos fundadores e o então presidente (Sarmiento, 2001, *passim*).

A União Trabalhista não deve ser encarada como um grupo meramente ilustrativo. Ela só surgiu após Pedro Ernesto ter certeza da impossibilidade de reunir em um único partido os antigos líderes políticos locais e as novas lideranças sindicais e trabalhistas que ganhavam força no decorrer da década de 1930, com o crescimento do operariado urbano. Durante sua administração, o prefeito tinha como objetivo central conseguir a adesão maciça da população de baixa renda e, principalmente, dos trabalhadores.

Interventor federal desde 1931, Pedro Ernesto obteve votação expressiva nas eleições municipais de 1934 – quando foi o vereador mais votado – e, conseqüentemente, acabou vencendo as eleições indiretas para prefeito. Assim, se viu estimulado a construir uma maior aproximação com as lideranças populares para consolidar sua relação com o operariado e, diante das pressões que sofria de outros grupos sociais – principalmente dos integralistas, dos militantes católicos e de representantes do governo federal –, buscou se escorar nos trabalhadores a fim de levar adiante seus projetos administrativos.

Sarmiento, em seus estudos, salienta as fortes críticas sofridas por Pedro Ernesto não só por parte da oposição – o marco foi o discurso do vereador Alberico

de Moraes, do Partido Economista Democrático, em maio de 1935, atacando seu discurso de posse¹ –, mas também advindas de figuras de seu próprio partido:

Ficara no ar uma crescente inquietação com a questão da aproximação de Pedro Ernesto das lideranças comunistas, problema que se agravaria com a criação da União Trabalhista do Distrito Federal. Tais fatores, que representavam uma tentativa de Pedro Ernesto de se aproximar de setores marginalizados da cena política, foram prontamente interpretados por alguns setores do Partido Autonomista como uma traição às bases originárias da organização e como um esboço da nova trajetória a que estaria se dirigindo o prefeito carioca. (Sarmiento, 2001, p. 186)

Augusto Amaral Peixoto, um dos líderes do Partido Autonomista e amigo do prefeito, em carta a Odilon Batista, filho de Pedro Ernesto, revelou seu temor de que a União Trabalhista viesse a “substituir o Partido Autonomista”, criticando os líderes operários que, junto com Pedro Ernesto, viabilizaram a criação da UTDF. Chamou-os de “pseudossocialistas, indivíduos que não entendem a necessidade dos trabalhadores, arregimentando as massas para induzi-las”.²

Sarmiento pondera que o projeto político e social do prefeito preconizava a assimilação das massas ao processo político, o que levaria a uma marcante aproximação com os vetores organizativos operários e com lideranças populares, resultando em “uma forte oposição dos setores tradicionais agregados ao partido” (Sarmiento, 2001, p. 189). Tal resistência levou à criação de uma organização nova, independente do Partido Autonomista. Dessa forma, a União Trabalhista nasceu como um autêntico partido de *massas*,³ filiando associações de funcionários públicos e trabalhadores urbanos. Sua lógica era diferente da estabelecida pelo Partido Autonomista, que se relacionava com as *massas* somente na perspectiva de “contingente eleitoral conformador de suas bases de apoio político” (Sarmiento, 2001, p. 189-190).

1 Anais da Câmara Municipal do Distrito Federal, maio de 1935, p. 73.

2 Cpdoc/FGV, Arquivo Pedro Ernesto, rolo 1, fot. 526.

3 Estamos atentos de que a expressão “massas” não mais atende às denominações atuais da história em relação aos trabalhadores e à população em geral. Mantivemos a expressão, em itálico, somente para ser fiel ao termo usado na época e citado por Sarmiento em seu livro.

O Partido Autonomista, formado com a intenção de conseguir a autonomia do Distrito Federal,⁴ congregava políticos das mais diferentes ideologias e linhas de pensamento: antigos líderes locais, católicos fervorosos, ex-líderes tenentistas, entre outros. Após as eleições municipais de outubro de 1934, suas dissidências internas passaram a crescer dia após dia. Com a criação da União Trabalhista, o PADF se dividiu de vez. Começaram a surgir diversos boatos sobre a saída de políticos importantes e a possibilidade da criação de novos partidos na cidade – o que, de fato, acabou acontecendo.

Sarmiento comenta que, se a luta pela autonomia se deu como uma oportunidade de ressurgimento político dos líderes locais do Rio de Janeiro e também como uma possibilidade de ganharem projeção nacional, no momento da criação da União Trabalhista do Distrito Federal tudo se inverteu. Surgiram murmúrios, sem que ninguém assumisse a autoria, de que a melhor solução seria o retorno da intervenção federal. Havia o medo de que a aliança do prefeito com os trabalhadores fizesse com que os antigos líderes locais perdessem espaço e até sofressem derrotas políticas definitivas nas eleições seguintes. Sarmiento conclui que, se anteriormente a luta pela autonomia era “a própria luta pela manutenção do funcionamento do campo político [carioca], uma opção pela intervenção [federal] pode ser [...] compreendida como uma limitação da esfera de atuação no interior do campo em troca da garantia da sobrevivência política de alguns setores” (Sarmiento, 2001, p. 195).

Na imprensa, os relatos sobre uma possível divisão do Partido Autonomista se intensificaram desde o início de maio de 1935. As informações eram muito desconstruídas. Alguns jornais falavam a respeito de uma provável saída de Pedro Ernesto do PADF, outros diziam que quem deixaria o partido seriam os políticos que estavam descontentes com o prefeito, e havia ainda periódicos que apostavam na criação de uma ala operária do PADF. Enfim, a imprensa especulou bastante até o anúncio oficial da criação da União Trabalhista do Distrito Federal.

Em 13 de maio, o jornal carioca *Diário da Noite*, na época crítico à administração municipal, estampou em manchete que Pedro Ernesto iria “assumir a presidência da Aliança Nacional Libertadora”. O jornal revelava, na mesma edição, que o prefeito pretendia fundar o “Partido Socialista Humanitário”, “uma agremiação operária”, “uma associação política um tanto rodeada de mistério”.

4 Desde a Proclamação da República, o Distrito Federal (DF), à época a cidade do Rio de Janeiro, tinha o prefeito indicado pelo presidente da República, e as decisões da Câmara Municipal eram chanceladas pelo Congresso Nacional. O Partido Autonomista do Distrito Federal surgiu para cobrar de Vargas a proposta lançada pela Aliança Liberal, em 1929, de dar autonomia ao DF.

A reportagem falou sobre uma sigilosa reunião que acontecera na casa de Pedro Ernesto, da qual “nenhum dos políticos em voga no Distrito Federal” participou.⁵

Pedro Ernesto falou ao jornal que daria detalhes sobre a reunião em uma hora oportuna e que esperava somente que “cada um cumpra[cumprisse] com seu dever”, contando com “a cooperação de todos para o objetivo comum”. O jornal encerrou a reportagem com uma frase bastante apropriada para a ocasião: “coisas de mistério...”.

O jornal *A Noite* de 11 de maio também insistia na existência de uma crise interna no Partido Autonomista. O periódico falava de uma possível cisão, embora todos os políticos consultados tivessem insistido em negá-la. Jones Rocha, senador eleito e um dos principais nomes do partido, falou ao repórter que o prefeito continuava apoiado “quer na Câmara Municipal, quer no Congresso Nacional, por todos os membros eleitos pelo partido”.

Perguntado sobre os boatos que davam conta da fundação de um novo partido, Rocha afirmou o seguinte:

Sei que, realmente, o dr. Pedro Ernesto vem fazendo um novo programa, calcado em princípios mais objetivos com a realidade brasileira. Princípios mais humanos e elevados e que possam, postos em prática, melhor servir à coletividade. Mas nada sabemos a respeito [...]. Na hora certa o dr. Pedro Ernesto apresentará o novo programa ao partido.⁶

Jones Rocha ainda desmentiu a saída de Cesário de Melo, um importante líder local, do partido, assegurando mais uma vez a unidade do PADF.

Rocha, bastante próximo do prefeito, já sabia sobre a natureza das modificações que Pedro Ernesto pretendia implementar. A “realidade brasileira” relatada por ele apresentava a necessidade de trazer os trabalhadores urbanos, grupo que crescia cada vez mais, para junto do governo.

É importante salientar que essa aproximação do Estado em relação aos trabalhadores, trazendo-os para sua órbita e, em alguns casos, restringindo sua autonomia, é uma marca da política brasileira nos anos 1930. Talvez o grande marco, nesse sentido, tenha sido a criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.

5 Biblioteca Nacional, periódico *Diário da Noite*, 13/5/1935.

6 Biblioteca Nacional, periódico *A Noite*, 11/5/1935.

Os princípios mais “humanos” para “servir à coletividade” eram pontos que deveriam atender às necessidades dos trabalhadores, atraindo-os para o Partido Autonomista, de modo a mantê-los na órbita de controle do prefeito carioca.

Tal postura de Pedro Ernesto estabeleceu a inimizade, inclusive, dos comunistas em relação a ele. A ação do prefeito, objetivando agregar ao seu partido e à sua esfera de influência os trabalhadores urbanos, tinha como meta também esvaziar a influência do Partido Comunista do Brasil (PCB) sobre eles. Apesar de Pedro Ernesto sempre ter se posicionado contra a Ação Integralista Brasileira, ele rejeitou e criticou publicamente, inúmeras vezes, “qualquer tipo de extremismo, seja de esquerda ou de direita” – aos quais chamava de “radicalismos contemporâneos”.⁷

O A Noite, em edição noturna de 11 de maio de 1935, estampou uma manchete sobre o que chamou de “a transformação do Partido Autonomista”, voltando a frisar a existência de “notícias em torno da criação de uma ala operária” no partido. Nogueira Penido, líder da bancada do partido na Câmara dos Deputados, veio a público e negou qualquer cisão, reiterando também o apoio irrestrito ao prefeito. Porém, Penido falou sobre a possível criação de uma ala operária no PADF, vendo com bons olhos tal iniciativa:

A constituição de uma “ala operária”, atuando conjuntamente com o partido, só poderá emprestar a este uma força maior e mais eficiente, trazendo-lhe o concurso precioso das massas trabalhadoras, que, cada vez mais, fazem sentir a sua influência nas democracias.⁸

Átila Soares, que em pouco tempo se tornaria um dos maiores críticos do prefeito, também aderiu aos “panos quentes”, dizendo que o que existia, afinal, “era o seguinte: o dr. Pedro Ernesto simpatiza com uma ala operária, que o apoiaria, fortalecendo o partido, ao contrário de enfraquecê-lo”. Completando os depoimentos, o deputado Cândido Pessoa⁹ acompanhou seus colegas afirmando que estava “com o dr. Pedro Ernesto para a vida e para a morte”.¹⁰

7 Cpdoc/FGV, Arquivo Pedro Ernesto, folheto PEB 5f.

8 Biblioteca Nacional, periódico A Noite, 11/5/1935, edição noturna.

9 Um dos fundadores do Partido Autonomista do Distrito Federal. Foi eleito deputado nas eleições para a Assembleia Nacional Constituinte e ficou no cargo até sua morte, em julho de 1936, quando foi substituído por Bertha Lutz, também do PADF, conhecida pela luta pelos direitos femininos.

10 Biblioteca Nacional, periódico A Noite, 11/5/1935, edição noturna.

Sobre essa possível criação de uma “ala operária” dentro do Partido Autonomista do Distrito Federal (PADF), cabe a seguinte questão: se alguns dos principais nomes do partido não apresentaram – pelo menos publicamente – restrições a tal iniciativa, então por que, exatamente três dias depois, foi criada a União Trabalhista do Distrito Federal, à parte do PADF?

A hipótese de Sarmiento, de que a criação da UTDF foi a solução encontrada por Pedro Ernesto diante das restrições enfrentadas dentro do partido, é questionável, pois não há indícios de que a oposição à União Trabalhista fosse tão forte dentro do Partido Autonomista. A intenção de Pedro Ernesto nunca foi a de estabelecer uma “ala operária” dentro de seu partido. Seu objetivo sempre foi o de criar uma organização autônoma, distinta do PADF, que trouxesse os trabalhadores para a política partidária tendo ele como condutor. Isso não impossibilitava, aos olhos do prefeito, que o PADF continuasse existindo. Essa estratégia seria a mesma empregada por Vargas posteriormente, no Estado Novo, ao consentir com a criação do Partido Social Democrático (PSD) ao mesmo tempo em que ingressava no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) – que acabaram se unindo nas eleições de 1945.

A estratégia de Pedro Ernesto era inteligente, mas ele não percebeu, ou subestimou, o grande temor dos políticos tradicionais do Rio de Janeiro em perder espaço com a criação da nova organização política. Nesse ponto Sarmiento tem razão: a possibilidade de ascensão política de lideranças operárias irritou figuras importantes do PADF, como Cesário de Melo e Augusto do Amaral Peixoto, que passaram a fazer oposição ao prefeito e até a clamar pelo retorno da intervenção federal na capital da República.

Na noite do dia 13 de maio de 1935, Pedro Ernesto discursou falando dos objetivos e do programa da União Trabalhista, o que foi manchete de primeira página em praticamente todos os jornais da capital da República no dia seguinte, mostrando a grande importância do fato.

Achamos por bem reproduzir, na íntegra, o discurso proferido por Pedro Ernesto na cerimônia de fundação da União Trabalhista do Distrito Federal, dada a importância histórica que consideramos ter tal documento. Em seu curto pronunciamento, o prefeito tocou nos pontos principais de sua administração: falou sobre a aproximação que vinha estabelecendo junto às camadas populares, se defendeu das acusações de comunismo e fez uma interessante ponderação sobre o momento político vivido e os rumos tomados pelo governo, transcorridos quase cinco anos do movimento de outubro de 1930.

Iremos separar em trechos, para facilitar a análise. Inicialmente, Pedro Ernesto procurou definir o que seria a União Trabalhista do Distrito Federal:

A associação que hoje aqui se instala solenemente, e que tenho a honra de presidir, é o primeiro núcleo de mobilização das forças trabalhadoras do Rio de Janeiro e do Brasil para uma colaboração e aproximação mais estreita com o governo.

Não se trata de um partido político, como desejam fazer crer certos adversários disfarçados da aproximação entre o poder e as classes populares. Trata-se de uma associação livre e independente de trabalhadores e de intelectuais, que se dispõem a organizar-se para mútuo esclarecimento e mútuo benefício, como ainda para a defesa eficaz dos seus interesses legítimos.¹¹

Percebe-se que Pedro Ernesto tinha noção de seu pioneirismo ao afirmar a União Trabalhista como o primeiro órgão de aproximação mais estreita entre trabalhadores e o governo. Ao mesmo tempo, podemos compreender essa afirmação como uma crítica aos outros órgãos trabalhistas que não teriam, por conseguinte, esse mecanismo de cooperação com o poder público.

Daí é possível compreender o porquê dos comunistas se tornarem oposição ao governo Pedro Ernesto, já que a criação da União Trabalhista também pode ser encarada como um meio de esvaziar as associações de trabalhadores autônomas, que não estabeleciam relações diretas com as autoridades executivas. Esse “problema” se somava à grande popularidade do prefeito – desde o início de seu governo, em 1931 –, encarada pelos comunistas como um empecilho à mobilização do operariado para a revolução. Pedro Ernesto, logo, era visto como um rival.

Em seguida, ele respondeu principalmente à imprensa e aos membros do Partido Autonomista, defendendo que a UTDF não seria um partido político – ou seja, o PADF continuaria sendo o partido do prefeito.

A definição da UTDF como uma associação livre e independente nos remete à ideologia anarquista posta em prática ainda na Primeira República. Parece-nos claro que o prefeito, na elaboração do esboço da União Trabalhista, se aproveitou de práticas já existentes na história da luta operária. O anarquismo defendia exatamente isso: a associação entre trabalhadores de distintas áreas e realidades a fim de promover o esclarecimento mútuo, o que significaria o advento cultural e político do grupo em sua totalidade.¹²

11 Cpdoc/FGV, Arquivo Pedro Ernesto, folheto PEB 5f. Discurso pronunciado por Pedro Ernesto Batista na ocasião da fundação da União Trabalhista do Distrito Federal, em 13/5/1935.

12 Entre tantos livros, indicamos para melhor entendimento dessas características do anarquismo: Samis (2004).

Outra clara influência da política sindical das décadas anteriores consta no próprio nome da UTDF, que oficialmente se chamava União Humanitária Trabalhista do Distrito Federal, embora poucas vezes essa nomenclatura fosse dita cotidianamente pelas pessoas que a ela se referiam – aparece somente nos jornais do dia seguinte de sua criação. A palavra “humanitária” foi bastante utilizada pelos anarquistas do início do século XX,¹³ que tinham a humanidade como pátria e, em seguida, ganhou novo significado nos discursos socialistas, que a usavam no sentido que conhecemos hoje, com o intuito de auxiliar os necessitados por meio da assistência social.¹⁴

O prefeito fez ponderações a respeito da importância de uma organização como a União Trabalhista para aquele momento histórico e criticou quem via sua iniciativa como algo inconstitucional ou uma ação extremista:

O regime político em que vivemos não é infenso, nunca o foi, aos interesses populares. A Constituição que estamos com o dever de executar e fazer cumprir é de um largo e esclarecido liberalismo, que nos compele, e não apenas aconselha, a sentir a questão social e resolvê-la dentro das possibilidades do regime.

Os governantes, que diante desse imperativo constitucional, que é também o imperativo da hora presente, cruzam os braços, julgando que nada devem fazer, estão colaborando expressamente na obra de demolição do regime que se está concretizando sob os nossos próprios olhos com a arregimentação reacionária.

Aqueles que insinuam que a fundação de uma associação trabalhista, entre nós, é indício de extremismo, já lá estão arregimentados no reacionarismo que nos ameaça, e com isso vêm apenas revelar até que limites desejam levar os seus propósitos de oprimir o povo brasileiro e de impedir o livre direito de se associar e se organizar, senão até de pensar.¹⁵

A confiança no liberalismo da Constituição de 1934 contrasta com a crescente centralização expressa, por exemplo, pela aprovação da Lei de Segurança Nacional, de 4 de abril de 1935 – um mês antes desse discurso. O prefeito fez uma enorme aposta na manutenção do liberalismo democrático, crendo que o apoio das camadas populares fossem assegurar sua continuidade no poder. Ao mesmo tempo, Pedro Ernesto parece acreditar que o presidente Vargas, seu amigo

13 Para mais detalhes, ver a primeira parte de Gomes (2002); ver também Dulles (1973).

14 Cabe aqui ressaltar para o leitor as semelhanças entre a União Trabalhista e a feição liberal da maçonaria. É interessante assinalar que o pai de Pedro Ernesto foi líder maçom em Pernambuco.

15 Cpdoc/FGV, Arquivo Pedro Ernesto, folheto PEB 5f. Discurso pronunciado por Pedro Ernesto Batista na ocasião da fundação da União Trabalhista do Distrito Federal, em 13/5/1935.

peçoal, não tomaria a impopular medida de agir contra organismos trabalhistas em um momento em que os trabalhadores cresciam numericamente e ganhavam um peso maior na política nacional.

Em seguida, o prefeito elaborou uma interessante proposta sobre o que acreditava ser o papel do Estado na época:

É indiscutível, com efeito, meus senhores, o alargamento de funções do governo, no momento presente. É indiscutível que o mesmo não se pode hoje restringir à sua primeira função de mantenedor da ordem. É indiscutível que deve ir mais longe. Deve manter a ordem, mas sobretudo melhorá-la, porque melhorá-la é, hoje, o único meio de mantê-la. E como querem que façamos isto? Conservando os mesmos órgãos, as mesmas atividades e as mesmas funções anteriores? Ou, pelo contrário, abrindo ao governo novas possibilidades de contato com o povo, com a maioria do povo, cujos interesses acima de tudo deve defender, sentindo-lhe as necessidades e as aspirações para que as mesmas possam influir e atuar sobre os rumos e as diretrizes que ao governo compete seguir, em face de suas novas responsabilidades e novos deveres?

Os males dos governos brasileiros sempre se encontraram no feito oligárquico que os caracterizou. Oligárquico, no sentido de que problemas que os interessavam e as soluções para um pequeno grupo de brasileiros, esquecidos os grandes problemas populares que afetavam realmente a grande massa do povo.

Romper com esse espírito de oligarquia e de casta e ir ao encontro dos problemas econômicos e políticos de massa não é fazer extremismo, não é ameaçar as instituições, mas responder à vocação já secular do Brasil por um regime de justiça social que sempre esteve em suas leis e foi sempre negado pelos governos. É realizar a verdadeira obra construtora de fazer viver as instituições para que elas possam ser mantidas. Não admito que o governo se sinta estranho a nenhum problema econômico ou técnico que interesse à maioria, e desejo, sinceramente, encaminhar as soluções públicas para que as mesmas afetem sempre o maior número e não o menor número, e isso é, apenas, procurar realizar o regime político em que vivemos.¹⁶

Pedro Ernesto falou sobre “contato com o povo”, mais precisamente com a “maioria do povo”, dizendo que o governo deveria atender suas “aspirações”, “interesses” e “necessidades”. É um discurso bastante enfático e voltado quase exclusivamente para os trabalhadores. O prefeito parece ter usado o seu

¹⁶ Cpdoc/FGV, Arquivo Pedro Ernesto, folheto PEB 5f. Discurso pronunciado por Pedro Ernesto Batista na ocasião da fundação da União Trabalhista do Distrito Federal, em 13/5/1935.

pronunciamento para fazer uma verdadeira ode às classes trabalhadoras, colocando-se indiscutivelmente ao lado deles como o intermediário entre o operariado e seus direitos.

É muito recorrente nos discursos do prefeito a ideia de uma administração voltada para uma maioria de necessitados, ao contrário dos governos anteriores, que teriam se preocupado apenas com os interesses de uma minoria privilegiada. Entendemos que, ao se defender das acusações de extremismo justificando seus atos como sendo em prol da população pobre e necessitada, Pedro Ernesto fez um verdadeiro apelo para que os trabalhadores dessem a sustentação necessária à continuidade de seu projeto político, que sofria ataques da Igreja Católica – em razão de se colocar contra a obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas – e de figuras importantes do governo Vargas, que se indisputavam com Pedro Ernesto, como Filinto Müller e Góis Monteiro.¹⁷

Apesar de ter o objetivo de conquistar o apoio popular e se apoiar nele, os métodos do prefeito para atingir tal meta eram distintos dos utilizados pelos comunistas. Caminhando para o fim de seu discurso, Pedro Ernesto – que se autointitulou presidente da União Trabalhista do Distrito Federal – se preocupou mais uma vez em deixar claro que sua intenção, ao fundar essa nova organização, não era guinar para o comunismo. Ele atacou mais uma vez os que lhe colocavam a pecha de comunista e defendeu o governo instalado após o movimento de 1930, assegurando estar trabalhando para o fortalecimento das instituições do país e não para a sua dissolução:

Houve quem achasse vago esse programa. Ele só é vago para os que não sabem o que significa um programa de amplos serviços sociais e populares em um país que, até hoje, nunca realizou tais serviços senão para um pequeno grupo de beneficiados e com o caráter disfarçado ou descoberto de mistificação ou de piedade caridosa. É vago para esses ou para os que desejavam, intencionalmente, que defendêssemos princípios estranhos ao atual regime político para aí encontrar o pretexto desejado de nos acusar ou de nos enfraquecer.

Entre os que favorecem a decomposição das nossas instituições traindo-as, todos os dias, e recusando-se a executá-las e os que as buscam destruir, diretamente, com a propaganda subversiva da extrema direita ou extrema esquerda, nos colocamos nós, dispostos a tudo envidar para a objetivação das instituições que nos deu a revolução e para a realização do seu programa.

17 Para mais detalhes, ver Mourelle (2010).

A União Trabalhista é, apenas, um passo para a execução desses objetivos. Nem o regime, nem o partido que apoia o nosso governo estão em jogo, a não ser para que se sintam mais à vontade na obra comum que ambos se propõem a realizar, plenamente – a obra revolucionária, consagrada na Constituição de 1934.¹⁸

Ou seja, o prefeito se dissocia, mais uma vez, tanto da extrema-direita como também da extrema-esquerda. Mais importante ainda é o aceno que ele fez para o governo federal e para o Partido Autonomista, no último parágrafo desse trecho, ao dizer que “nem o regime, nem o partido que apoia o nosso governo estão em jogo”.

Para a infelicidade de Pedro Ernesto, ambos não concordariam com tal afirmativa. O governo federal compreenderia a União Trabalhista como uma prova definitiva da popularidade e da independência política de Pedro Ernesto, chegando à conclusão de que o mais certo seria retirá-lo da arena política, eliminando um projeto alternativo e um possível concorrente ao posto de “pai dos pobres” buscado por Vargas.

Já os políticos do Partido Autonomista veriam na União Trabalhista um meio de ascensão de líderes operários que, com laços reforçados com o prefeito do Distrito Federal, se tornariam uma séria ameaça ao equilíbrio de forças estabelecido entre eles na cidade.

Encerrando seu pronunciamento, Pedro Ernesto demonstrou certa insatisfação com os rumos do movimento de 1930 nos últimos meses, por culpa de pessoas que estavam assumindo uma postura reacionária. Fez ainda uma incisiva defesa da postura que sua administração vinha tendo no enfrentamento aos adversários políticos críticos e demonstrou confiança no sucesso da organização que acabava de fundar:

Com efeito, meus senhores, é preciso ver claro nesses dias inquietos de consolidação definitiva do regime legal. Não será possível que tenhamos feito uma revolução para entrar em um período mais reacionário do que aquele de que saímos. Não será possível que nos acumpliciemos, assim, com os inimigos da revolução, empenhados em não deixar da mesma, nem sequer os vestígios espirituais de uma nova atitude para com a coisa pública e para com o povo. A exploração de nossa atitude revela o desejo secreto dos adversários da revolução de lançar sobre as iniciativas mais sadias e mais puras do novo

18 Cpdoc/FGV, Arquivo Pedro Ernesto, folheto PEB 5f. Discurso pronunciado por Pedro Ernesto Batista na ocasião da fundação da União Trabalhista do Distrito Federal, em 13/5/1935.

regime a pecha de extremistas, para que mais facilmente as possam destruir.

Buscamos, assim, muito intencionalmente, esclarecer de uma vez por todas, a nossa atitude, porque estamos dispostos a continuá-la, custe o que custar, dando ao Distrito Federal um governo realmente renovado, com novos órgãos de ação para ferir os problemas novos do trabalho e bem-estar de sua população.

A aproximação que, hoje, se inicia entre o governo e as camadas populares, virá dar fontes de inspiração e de novos rumos para maior justiça econômica e maior justiça social.¹⁹

Assim se encerrou o discurso de fundação da União Trabalhista do Distrito Federal. Um discurso preocupado em falar para os trabalhadores e, ao mesmo tempo, em se antecipar a novas acusações de alinhamento ao comunismo. A estratégia de Pedro Ernesto foi se colocar sempre como um revolucionário, mas um revolucionário que seguia as linhas traçadas pelo movimento de 1930 e não pelo que chamou de “extremismos de direita ou de esquerda”.

Apesar dessa tentativa de autodefesa, pautada no ataque aos ditos “reacionários” ou “traidores” dos princípios do movimento de 1930, o que se viu nos meses seguintes foi que a aproximação entre a prefeitura do Rio de Janeiro e “as camadas verdadeiramente populares” afetou diversos interesses políticos. Os ataques a Pedro Ernesto não demoraram muito, começando de imediato nas páginas dos jornais.

De nada adiantaram as afirmações de Pedro Ernesto dando conta de que a União Trabalhista não tinha qualquer vínculo partidário. O A Noite disse que a União Trabalhista foi criada “com as características de um novo partido político”, desafiando o poder das lideranças do Partido Autonomista.²⁰

O *Diário da Noite* mencionou que a criação da União Trabalhista foi articulada às escondidas, ponto que mereceu um destaque ainda maior em *O Jornal*, veículo que fazia parte dos *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand. Este periódico deu ênfase aos “mistérios que cercaram a fundação desse novo partido, em cujas sessões preparatórias nenhum jornalista podia entrar” e afirmou que “se não houvesse segundas intenções, o governador da cidade e seus amigos não ocultariam à opinião pública um fato que, de outra forma, não passaria de um acontecimento comum”.²¹ Foi mencionada ainda uma reunião que teria ocorrido na casa do cônego Olímpio de Melo, vice-prefeito, em que os membros

19 Cpdoc/FGV, Arquivo Pedro Ernesto, folheto PEB 5f. Discurso pronunciado por Pedro Ernesto Batista na ocasião da fundação da União Trabalhista do Distrito Federal, em 13/5/1935.

20 Biblioteca Nacional, periódico *A Noite*, 14/5/1935.

21 Biblioteca Nacional, periódico *O Jornal*, 14/5/1935.

da comissão executiva do Partido Autonomista cobraram explicações de Pedro Ernesto sobre seus objetivos com a criação da UTDF.

Mais interessante ainda é que, pela primeira vez, houve uma alusão de que o prefeito tinha ambições políticas maiores do que a prefeitura do Distrito Federal. O *Diário da Noite* explicava que Pedro Ernesto, sem dúvida, era um “pretendente à cadeira nacional do próximo quadriênio”, motivo pelo qual ele procurava “articular forças nacionalmente”. O Partido Autonomista, “com um programa limitado, não serviria para seu intuito. Daí a ideia de explorar o socialismo”.²² O mesmo jornal ainda fez questão de dizer que a União Trabalhista tinha “programa próprio e material técnico para arregimentação eleitoral”.

Esse quadro traçado de aliança com os trabalhadores, preocupação com arregimentação eleitoral e pretensões de ascender politicamente, quem sabe, disputando as próximas eleições para a Presidência da República, criou uma grande desconfiança do governo federal em relação a Pedro Ernesto. O prefeito, que já tinha alguns desafetos que faziam parte do círculo de confiança de Vargas, passou a ser acompanhado com mais atenção, visto que sua popularidade e sua postura liberal-democrática o tornava uma ameaça à continuidade de Vargas na presidência.

A edição do *Diário da Noite* ainda mencionou as palavras do professor Hermes Lima, diretor da Faculdade de Direito da Universidade do Distrito Federal, que salientou a necessidade de “união do proletariado e da sua organização como força consciente”.²³ Lima disse que “o governo não deve estar acima nem abaixo do povo, mas integrado a ele” e, em seguida, ao contrário do que o próprio Pedro Ernesto dissera, também acabou chamando a União Trabalhista de partido, quando elogiou a postura do prefeito de se colocar “à frente de uma organização partidária constituída apenas por proletários de terra e mar”.²⁴ Aliás, é importante salientar isso: todos os diretores da União Trabalhista, com exceção de Pedro Ernesto, eram trabalhadores filiados à Federação de Trabalhadores Terrestres ou à Federação de Trabalhadores Marítimos.²⁵

Além de Hermes Lima e Pedro Ernesto, estavam também presentes outras autoridades municipais, como o secretário de saúde Gastão Guimarães e o secretário de educação Anísio Teixeira, além do deputado estadual Moreira

22 Biblioteca Nacional, periódico *Diário da Noite*, 14/5/1935.

23 Cpdoc/FGV, Arquivo Pedro Ernesto, folheto PEB 5f. Discurso pronunciado por Pedro Ernesto Batista na ocasião da fundação da União Trabalhista do Distrito Federal, em 13/5/1935.

24 Biblioteca Nacional, periódico *A Noite*, 14/5/1935.

25 Biblioteca Nacional, periódico *A Noite*, 14/5/1935.

Machado, o professor Leônidas de Resende – que, assim como Lima, trabalhava na Universidade do Distrito Federal – e os vereadores Rocha Leão, Henrique Magioli, Adauto Reais e Edgard Romero.

Após os pronunciamentos de Pedro Ernesto e Hermes Lima, foi a vez do discurso do presidente da Federação dos Marítimos, Orlando Ramos, que foi seguido pelas palavras finais de Alberto Santos, presidente da Federação dos Trabalhadores Terrestres.

Numa clara tentativa de trazer problemas para o prefeito carioca, o *Diário da Noite* divulgou um suposto programa da União Trabalhista. Segundo o jornal, a nova organização lutaria, entre outras coisas, pela participação direta do operariado no poder, pela nacionalização das minas e riquezas geológicas nacionais e objetivaria ainda a participação direta do Estado no lucro das grandes empresas nacionais. Tal notícia invocava a dúvida e especulava se o prefeito poderia ser processado com base na recém-aprovada Lei de Segurança Nacional (LSN) – estabelecida pouco mais de um mês antes, em 4 de abril de 1935.

Numa prova de demonstração de força, Pedro Ernesto obteve o respaldo de dezenas de associações de trabalhadores que assinaram um manifesto repudiando a atitude desse jornal,²⁶ que alegou ter obtido tais informações por meio de entrevistas com diretores da União Trabalhista. Era esse apoio popular crescente que, ao mesmo tempo em que dava respaldo à administração de Pedro Ernesto, fazia com que o governo federal o olhasse com desconfiança.

A União Trabalhista, a exemplo da Universidade do Distrito Federal (UDF), funcionou durante um período curtíssimo, mas, assim como a UDF,²⁷ também obteve sucesso. Embora tivesse sido fechada em dezembro de 1935, nos sete meses em que esteve em pleno funcionamento, com sede na rua Sacadura Cabral, n. 42 – centro do Rio de Janeiro –, conseguiu a adesão de cerca de setenta sindicatos, contando com um significativo número de mais de trinta mil associados (Pedreira, 1937, *passim*).

Mais do que uma demonstração de força para seus adversários, a União Trabalhista funcionou como uma base de sustentação política para o prefeito, diante de todas as críticas que recebia da Igreja Católica, dos integralistas, de homens do governo federal e até de comunistas – estes últimos viam a UTDF

26 Cpdoc/FGV, Arquivo Pedro Ernesto, rolo 1, fot. 553 e 554. Além do *Diário da Noite*, o manifesto também fez menção de repúdio ao *O Globo*, que havia feito acusações parecidas na edição do dia 14/5/1935.

27 Cabe lembrar que, apesar da Universidade do Distrito Federal ter existido durante alguns anos – até ser incorporada pela Universidade do Brasil –, ela só funcionou nos moldes estabelecidos por Pedro Ernesto e Anísio Teixeira até dezembro de 1935, quando Teixeira saiu da Secretaria de Educação e a universidade sofreu um remodelamento que a alterou significativamente.

como uma organização governista que contribuía para o esvaziamento do PCB e de outras organizações proletárias. Prestes chegou a afirmar, em carta, a necessidade de “desmascarar” o que chamou de “demagogia de Pedro Ernesto” (Pedreira, 1937).²⁸

A posição democrática de Pedro Ernesto, que defendia sistematicamente a liberdade de expressão e assumia uma postura antiautoritária, deu margem para que seus inimigos o acusassem de alinhamento ao comunismo. É perceptível que o prefeito tinha certa simpatia em relação à Aliança Nacional Libertadora (ANL), até porque, originalmente, a ANL foi fundada por Herculino Cascardo com o objetivo de combater a extrema-direita representada pelo integralismo, não para ser uma organização comunista. Muitos dos amigos e colaboradores do prefeito carioca frequentavam reuniões aliancistas e é inegável que alguns princípios da Aliança Nacional Libertadora eram compartilhados por ele.²⁹

Porém, Pedro Ernesto não queria se engessar em nenhuma organização, mas trilhar o seu próprio caminho. Estava claro para ele que, caso ingressasse na ANL, não só as pressões de seus inimigos iriam se tornar insustentáveis como também perderia muito de sua autonomia e independência política, tendo que se submeter às decisões de Herculino Cascardo – líder nacional – ou Luís Carlos Prestes – presidente de honra da organização.

Portanto, a União Trabalhista foi o caminho solitário do prefeito, que tentou se manter à parte da guerra ideológica entre a direita e a esquerda, dizendo ser contrário a quaisquer extremismos e, ao mesmo tempo, se aproximando cada vez mais de líderes proletários a fim de obter o apoio necessário para levar seu projeto político adiante.

Paradoxalmente, apesar da participação maciça de trabalhadores ter dado força à União Trabalhista, ao mesmo tempo criou uma grande dor de cabeça para o prefeito: boa parte dos filiados à UTDF, apesar de o apoiar, também tinha ligações com sindicatos classistas e, muitas vezes, participava de debates e reuniões da Aliança Nacional Libertadora e do Partido Comunista do Brasil.³⁰ Era comum que os debates efetuados nessas outras organizações fossem levados para dentro da União Trabalhista. Por isso, nos meses em que a UTDF funcionou, foram comuns acusações de que a associação fundada por Pedro Ernesto

²⁸ Trata-se de um documento anexo, não paginado.

²⁹ Informações obtidas a partir da análise das entrevistas concedidas por Augusto do Amaral Peixoto e Odilon Batista, consultadas em Cpdoc/FGV, Programa de História Oral.

³⁰ Hermes Lima, que era diretor da Faculdade de Direito da Universidade do Distrito Federal, participava da União Trabalhista e era assumidamente de esquerda. Além dele, líderes sindicais tais como Orlando Ramos e Alberto Santos – entre outros – eram simpáticos ao comunismo.

estivesse tendo “infiltrações comunistas” ou até servindo como “centro de propagação de ideias extremistas”.³¹

O prefeito tentava sempre defender a União Trabalhista em função de sua importância estratégica para o governo municipal e também porque seu fechamento seria uma medida bastante impopular, visto o grande número de trabalhadores que a ela estavam filiados e usufruindo não só dos debates filosóficos lá promovidos, mas principalmente dos atendimentos médicos gratuitos oferecidos.³²

Portanto, é possível dizer que a UTDF foi, ao mesmo tempo, uma grande solução e um grande problema para o prefeito. Mas os benefícios que ela proporcionou passaram a não valer mais a pena quando, no início de outubro, surgiu uma denúncia de que a seção cultural da União Trabalhista estava organizando “cursos populares tendentes a facilitar a propaganda extremista sob os auspícios da Aliança [Nacional Libertadora]”.³³ Nessa hora Pedro Ernesto percebeu que, ou fechava a organização, ou daria a seus inimigos a grande chance de enquadrá-lo como uma ameaça pública com base na Lei de Segurança Nacional.

Nada havia de mentirosa na denúncia. A seção cultural da UTDF tinha a finalidade de esclarecer ao trabalhador os seus direitos e ajudar seu acesso à cultura e à informação. Porém, com a passagem dos meses, cada vez mais os cursos populares promovidos buscaram ensinar para o operariado trechos do manifesto comunista e outros livros que incentivavam os trabalhadores à luta. A seção cultural logo se transformou num centro de mobilização para a revolução comunista. Pedro Ernesto, apesar de presidente da organização, pouco intervinha no seu funcionamento, deixando a responsabilidade a cargo das lideranças operárias.³⁴ Até que veio a público a ementa de um dos cursos, que fazia referência ao socialismo revolucionário, o que se tornou um escândalo na imprensa.

Sem perder tempo, na mesma manhã em que a denúncia ocorreu, o prefeito mandou fechar a seção cultural e ordenou a paulatina desativação da União Trabalhista do Distrito Federal – o que acabou ocorrendo até dezembro –, minimizando os prejuízos, afirmando ser contra quaisquer extremismos que levassem perigo às instituições.

31 Acusação presente, inclusive, no processo n. 1 do Tribunal de Segurança Nacional, no qual Pedro Ernesto e Luís Carlos Prestes, entre outros, foram acusados de participação em atividades comunistas que resultaram na chamada *Intentona*, em novembro de 1935.

32 O jornal *O Globo*, em 5/10/1935, chegou a criticar a proposta de fechamento da UTDF, alegando que seriam “deixados ao desamparo dezenas de enfermos”.

33 Trecho retirado da acusação contra Pedro Ernesto, processo n. 1 do Tribunal de Segurança Nacional.

34 Pela leitura dos periódicos da época é perceptível que Pedro Ernesto, apesar de presidente da União Trabalhista, quase não a frequentava, situada na rua Sacadura Cabral, no centro do Rio de Janeiro, então capital do Brasil. Fica bastante claro que ele pretendia apenas manter o vínculo e, conseqüentemente, o apoio dos sindicatos filiados à UTDF ao seu governo, mas não exercia qualquer função administrativa.

Contrariando seu discurso de posse, em que afirmou ser a UTDF destinada ao livre debate entre intelectuais e trabalhadores, Pedro Ernesto afirmou que a União Trabalhista foi “criada [...] como instituição de caridade, destinada a socorrer trabalhadores”. Disse ainda que, à vista do desvirtuamento dessa finalidade, resolveu “extingui-la para evitar que a mesma [...] se transformasse em núcleo de agitação política perturbadora da ordem”. Procurou eximir-se de qualquer culpa, não só declarando que o programa da seção cultural não foi organizado por sua ordem, mas até que desconhecia a existência de tal programa.³⁵

Esse foi o melancólico fim de uma organização fundada para ser a base de sustentação política do governo municipal, “primeiro núcleo de mobilização das forças trabalhadoras do Rio de Janeiro e do Brasil para uma colaboração mais estreita com o governo”.³⁶ A grande divulgação de sua fundação e o número expressivo de adesões foi um enorme sucesso, seguido pela necessidade de um fechamento brusco que expressou uma derrota significativa dos esforços trabalhistas do prefeito carioca.

As coisas não iam bem para Pedro Ernesto, e ficaram bem piores com a *Intentona* de novembro de 1935.³⁷ A estreita relação do prefeito com os trabalhadores se voltou contra ele, servindo como pretexto para a acusação de envolvimento do líder municipal em atividades subversivas. A *Intentona Comunista* foi o golpe final contra as pretensões trabalhistas de Pedro Ernesto. Dela se aproveitaram seus inimigos para eliminá-lo da carreira política, impondo-lhe uma derrota tão imperativa que passou pela demissão de seus homens de confiança da prefeitura, pelo desmantelamento de sua política educacional e, como desfecho, pela sua prisão em abril do ano seguinte.

³⁵ Trecho de depoimento de Pedro Ernesto, da época do fechamento da UTDF, que acabou sendo utilizado pelo seu advogado em sua defesa. Publicado por Pedreira (1937), de onde retiramos.

³⁶ Cpdoc/FGV, Arquivo Pedro Ernesto, folheto PEB 5f.

³⁷ Não concordamos com o uso “*Intentona Comunista*”, uma vez que “*Intentona*” significa, segundo o dicionário Aurélio, “*intento louco, projeto insensato*”, portanto, fugindo de uma análise objetiva dos fatos. Porém, como não é objeto deste trabalho aprofundar o debate sobre o termo – mas apenas fazer referência ao evento –, optamos por usar a expressão por ser mais conhecida.

Fontes

Anais da Câmara Municipal do Distrito Federal (1935)

Arquivo Nacional

Fundo Tribunal de Segurança Nacional

Biblioteca Nacional

A Noite

Diário da Noite

O Globo

O Jornal

Cpdoc/FGV

Arquivo Pedro Ernesto

Programa de História Oral

Referências

DULLES, John W. F. *Anarquistas e comunistas no Brasil*.

Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1973.

GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*.

Rio de Janeiro: FGV, 2002.

MOURELLE, Thiago Cavaliere. *O Brasil a caminho do*

Estado Novo: as cartas de Pedro Ernesto e a trama que antecede o golpe. Rio de Janeiro: 7Letras, 2019.

_____. *O trabalhismo de Pedro Ernesto*. Curitiba: Juruá, 2010.

PEDREIRA, Mário Bulhões et al. *Razões de defesa do dr.*

Pedro Ernesto Batista, 1937.

SAMIS, Alexandre. Pavilhão negro sobre pátria oli-

va: sindicalismo e anarquismo no Brasil. In: COLOMBO, Eduardo (org.). *História do Movimento Operário Revolucionário*. São Paulo: Imaginário, 2004. p. 125-189.

SARMENTO, Carlos Eduardo. *O Rio de Janeiro na Era*

Pedro Ernesto. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

SILVA, Alexandre Elias da. *Populismo e práticas políticas no governo Pedro Ernesto (1931-1936)*. 2005.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

Recebido em 5/1/2021

Aprovado em 1/3/2021